



**A LEITURA COMO ATO CRIATIVO E CRIADOR: ALGUMAS  
EXPLORAÇÕES CONCEITUAIS E PEDAGÓGICAS. LUIS FERNANDO  
PORTELA; ANTONIO MARCOS SANSEVERINO; ADAUTO  
LOCATELLI TAUFER**

**READING AS A CREATIVE AND CREATIVE ACT: SOME  
CONCEPTUAL AND PEDAGOGICAL EXPLORATION. LUIS  
FERNANDO PORTELA; ANTONIO MARCOS SANSEVERINO;  
ADAUTO LOCATELLI TAUFER**

DOI: 10.5281/zenodo.8267679

*Elce Nunes Nogueira da Costa e Nogueira<sup>1</sup>*

O texto em análise refere-se ao capítulo 6 da obra: “Escrita Criativa e ensino II: diferentes perspectivas teórico-metodológicas e seus impactos na educação literária”. Referido capítulo, apresenta quatro subtítulos, quais sejam: A leitura estéril e o imaginário suprimido; A leitura criativa e criadora; No horizonte o leitor: os contornos do imaginário e imaginar a ficção; e Fechamento ou abertura.

Em “A leitura estéril e o imaginário suprimido”, os autores começam o texto com a análise do conto “Umas férias”, do livro “Relíquias da Casa Velha”, de Machado de Assis (1904). Em suma, no conto “Umas férias”, José Martins, um menino de 10 anos de idade, ao se ver em casa, obrigado a passar pelo luto da morte de seu pai, sem poder brincar e, ainda, ter que realizar as suas tarefas escolares, utiliza a cartilha escolar para dar espaço a sua imaginação e desenhava animais em sua borda para se distrair, ao invés de utilizar o livro para abrir as portas de sua imaginação.

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários PPGEL UNEMAT, Graduação em Letras, UNEMAT. Graduação em Direito Unifimes.



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Os autores pontuam que esse comportamento ocorre a partir da percepção de que os livros escolares são para tarefas e não para lazer ou diversão, sendo possível se perceber o contraste existente entre a leitura escolar, que é por vezes considerada obrigatória e tediosa, e a imaginação, como uma forma de escapar da realidade insatisfatória. Nesse sentido, a imaginação mostra-se como uma janela, capaz de levar o leitor a outro espaço, um lugar distinto do que ele está.

Nesse ponto de vista, a leitura escolar é compreendida como algo que trará recompensa somente no futuro e não no momento em que de fato se lê os textos. Os autores questionam o fato de que, se durante a formação escolar a leitura não é mostrada como algo com que o aluno possa se conectar efetivamente, quando é que ele poderá realmente se conectar com a leitura? No caso do menino José, do conto, seria preciso uma leitura para o presente, a qual se conectaria com o momento em que estava vivendo, independentemente se ele de fato aprenderia algo com ela ou que fosse importante para o seu futuro. Esta seria uma leitura para o seu presente, a qual dialogaria com sua criatividade e fosse ressignificadora do real diante de sua formulação do imaginário, o que ajudaria na mudança de pensamento de que a leitura serve apenas para os assuntos “chatos” escolares, em que a criança se vê forçada a ler para armazenar informações para o seu futuro e passaria a se mostrar como uma parte importante da sua formação como pessoa.

Em “A leitura criativa e criadora” os autores defendem que é de suma importância para a formação de sujeito leitores que, os professores de literatura capacitem os seus alunos para os mais diversos tipos de leituras e de possibilidades de interpretação do texto literário, atuando como verdadeiros mediadores de leitura.

Em relação às práticas pedagógicas capazes de atender a força criativa investida na leitura, de caráter tanto criador, como recriador, os autores apontam a obra de 1988, de Aguiar e Bordini em que propõem que um método criativo, trata-se de “um meio de apropriação e transformação da realidade, gerando prazer e conhecimento, de forma não exaustiva”; sendo que, essa atitude criativa se pauta em duas características: a intuição, como capacidade de se



# REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

aprender o mundo e a subjetividade, como referência do predomínio do sujeito sobre o objeto, sendo que a raiz do processo criativo, reside na capacidade intuitiva do indivíduo.

Em “No horizonte o leitor: os contornos do imaginário e imaginar a ficção”, os autores defendem que falar da leitura como ato criativo e criador, significa antes de tudo, direcionar o foco a pessoa que pratica esse ato, entendendo-o como um ser dotado de capacidade original de agir intelectualmente, emocionalmente, politicamente no mundo, a partir da prerrogativa de sua interação com o texto, especialmente, com o texto literário. Nesse sentido, por muito tempo o leitor foi banido das discussões no universo da teoria literária, sendo que, a leitura como ato criativo e criador, busca trazer o leitor para essas discussões.

Por fim, em “Fechamento ou abertura”, os autores citam um trecho do texto “Uma história da leitura”, de Alberto Manguel, em que o autor descreve o ato de ler como uma relação íntima e física, na qual todos os sentidos da pessoa estão presentes. Referida descrição aponta uma relação de intimidade corpórea com o texto, em que somente no decorrer da leitura é que serão desenvolvidos os proveitos objetivos da leitura.

## REFERÊNCIAS

PORTELA, Luis Fernando; SANSEVERINO, Antonio Marcos; TAUFER, Aduino Locatelli. 6. A Leitura Como Ato Criativo e Criador: Algumas Explorações Conceituais e Pedagógicas. *In*: TAUFER, Aduino Locatelli et al. **Escrita Criativa e ensino II**: diferentes perspectivas teórico-metodológicas e seus impactos na educação literária. Coleção Educação, Volume 8. 1. Ed. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020.

*Recebido em: 14/08/2023*

*Aprovado em: 17/08/2023*

*Publicado em: 20/08/2023*